

SIMPÓSIO AT211

UMA ABORDAGEM FUNCIONALISTA: O USO DO *AÍ* NA FALA POPULAR DE SALVADOR/BA

GOMES, Joelma Sena
PPGEL/UNEB
loi-sena@hotmail.com

Resumo: O funcionalismo linguístico difere das abordagens formalistas - estruturalista e gerativista - por entender a linguagem como um instrumento de interação social e investigar dados linguísticos que vão além da estrutura gramatical. Assim, os funcionalistas buscam no contexto discursivo as motivações para os fatos da língua (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003) e entendem que os estudos sobre a língua devem partir da língua em uso. Sob a ótica da abordagem da gramaticalização, o uso pode modificar a gramática e criar novas formas linguísticas ou novos usos. A gramaticalização é entendida como processo de mudança linguística que acontece em nas línguas naturais: processo através do qual, em determinados contextos linguísticos, itens ou construções lexicais assumem funções gramaticais ou, se já gramaticais, se tornam mais gramaticais ainda (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003 [1993], MARTELOTTA, 2011 etc). No português brasileiro, o item *aí* tem apresentado diferentes usos: dêitico locativo, anafórico (espacial e temporal), catafórico, clítico, sequenciador temporal e sequenciador textual, marcador discursivo etc (BRAGA; PAIVA, 2003; PERREIRA, 2011). Neste trabalho, pretende-se analisar a gramaticalização do *aí* na fala popular de Salvador. Para tanto, parte-se da análise de um *corpus* constituído de entrevistas do PEPP - Programa de Português Popular de Salvador, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa é subsidiada pelo aporte teórico do Funcionalismo Linguístico nos moldes da vertente norte-americana. Quanto ao fenômeno, os resultados preliminares mostram, que em determinados contextos o *aí* está passando por um processo de gramaticalização não só como item, como novos, mas também como construção.

Palavras-Chave: Funcionalismo; Gramaticalização; *Aí*.

Abstract: Linguistic functionalism differs from formalist approaches - structuralist and generativist - by understanding language as an instrument of social interaction and investigating linguistic data that goes beyond grammatical

structure. Thus, the functionalists seek in the discursive context the motivations for the facts of the language (FURTADO DA CUNHA, COSTA, CEZARIO, 2003) and understand that studies on language must start from the language in use. From the perspective of the grammaticalization approach, use can modify grammar and create new linguistic forms or new uses. Grammaticalization is understood as a process of linguistic change that takes place in natural languages: a process through which, in certain linguistic contexts, lexical items or constructions take on grammatical functions or, if already grammatical, become more grammatical (HOPPER; TRAUGOTT, 2003 [1993], MARTELOTTA, 2011, etc.). In the Brazilian Portuguese, the item has presented different uses: locative deictic, anaphoric (spatial and temporal), cataphoric, clitic, temporal sequencer and textual sequencer, discursive marker etc. (BRAGA, PAIVA, 2003; In this work, we intend to analyze the grammaticalization of the one in the popular speech of Salvador. To do so, it is based on the analysis of a corpus consisting of interviews of PEPP - Program of Popular Portuguese of Salvador, developed at the State University of Bahia (UNEB). The research is subsidized by the theoretical contribution of Linguistic Functionalism in the North American way. As for the phenomenon, the preliminary results show that in certain contexts, there is a process of grammaticalization not only as an item, but also as a construction.

Keywords: Functionalism; Grammaticalization; *Aí*

Introdução

As línguas apresentam uma série de mudanças linguísticas que se dão em razão do uso. Por isso, com o evoluir dos falantes as línguas também evoluem para se adaptar as necessidades sócio comunicativas. Língua e falante mantem uma relação de interdependência e um interfere no outro.

Neste trabalho, entende-se que essa relação interfere também na gramática da língua. O objetivo deste estudo é fazer uma análise funcionalista do item *aí* na fala dos soteropolitanos, pelo viés da gramaticalização. Os estudos funcionalistas buscam entender a linguagem em seu contexto interacional, a língua em comunicação, a língua que está sendo usada pelos falantes.

Diante disso, serão analisados dois inquéritos do Programa de Português Popular Falado em Salvador- PEPP- buscando os contextos em que

o *aí* aparece e as funções que esse item desempenha. Escolheu-se três funções do *aí*: a de dêitico locativo, sequenciador e clítico. Vale lembrar que essas funções não são as únicas que o item desempenha. No entanto, este será o recorte da pesquisa.

Esse trabalho foi estruturado da seguinte forma: uma seção intitulada de Funcionalismo e gramaticalização, na qual será elencado uma síntese dessa corrente teórica e discute-se de forma breve o desenvolvimento da gramaticalização e na seção seguinte analisa-se as funções do *aí* no PEPP e, por fim, as considerações finais.

1 Funcionalismo e gramaticalização

O interesse pela funcionalidade da língua aparece, pela primeira vez, nos estudos teóricos de Praga de forma problemática e polissêmica. Martelotta e Kenedy (2015) afirmam que para os linguistas de Praga a língua era entendida como um sistema funcional que era usada para determinados fins. Daí por diante, vários estudos funcionalistas se desenvolverem com objetivos diferentes, no entanto mantendo algumas relações: Castilho (200? apud CARVALHO, 2004) argumenta que, embora o termo funcionalismo seja usado em vários estudos como orientações diferentes, três postulados unem a teoria funcionalista: 1- a língua deve ser estudada em sua competência comunicativa, 2- as estruturas linguísticas não são autônomas, 3- as explicações linguísticas devem ser buscadas nos usos.

Para os funcionalistas, há uma relação entre determinadas formas linguísticas e as funções que essas formas desempenham dentro da gramática. Ou seja, os falantes agem intencionalmente em termos linguísticos. Há uma relação icônica entre forma e significado. Em termos práticos, pode-se afirmar que o funcionalismo buscar averiguar como se estabelece a relação entre forma e função na gramática. No entanto, esse estudo se dá nas situações comunicativas e de interação linguística. O discurso e a gramática são elementos que estão interligados.

No que se refere a linguística funcional, a gramaticalização é associada a processo de regularização do uso da língua que está relacionada a mudança de determinado item linguístico. Esse processo ilustra que a gramática de uma língua não é estática e acabada, como acredita os formalistas e sim, uma gramática flexível e mutável. Para Cunha, Costa e Cezário (2015, p. 41), “Esse processo manifesta o aspecto não estático da gramática, demonstrando que as línguas estão em constantes mudanças em consequência da incessante criação de novas expressões e de novos arranjos na ordenação vocabular”.

Segundo, os mesmos autores, a gramática de uma língua está em um contínuo de evolução. Assim, pode-se inferir, que para essa teoria a gramática de uma língua nunca está completa ela está sempre se construindo e se adaptando as novas exigências comunicativas da sociedade e dos falantes.

De acordo com Martelotta (2013, p.173), “a gramaticalização consiste em um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais”. Ou seja, há um processo de gramaticalização quanto um item lexical passa a assumir função gramatical ou quando um item gramatical tem seu sentido abstratizado e passa a assumir função mais gramatical ainda.

De acordo com Gonçalves (2007, et al) dos inúmeros processos de mudanças que ocorrem em uma língua a gramaticalização é o mais comum. Em vista disso, a renovação que acontece no sistema linguístico mantém uma grande relação com esse processo. Para o autor, a gramaticalização corresponde ao “surgimento de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes” Gonçalves (et al, 2007, p.15). Nessa concepção a língua é vista como uma atividade que se realiza em tempo real.

2. Análise dos dados: funções do *aí* no PEPP

O corpus usado nas análises são dois inquéritos do Programa de Português Popular Falado em Salvador- PEPP, o inquérito 18 e o inquérito 44. Foram escolhidos esses dois por ser a ordem que se encontra organizado o

livro impresso do PEPP. Para facilitar a compreensão colocaremos o número 18 e no 44 antes da primeira fala do documentador.

O *aí* com a função de dêitico locativo é a mais antiga, nesse contexto o item se refere a lugar físico. Auxilia os interlocutores a localizar uma pessoa ou objeto no espaço concreto. Esse é o primeiro uso atribuído ao item, e segundo os estudos de Tavares (1999) e Pereira (2013) desse uso surge os demais. Observando os dados, encontramos esse uso nos dois inquéritos:

18 DOC: Hum, e você lia muito?

INF: Lia, ainda leio também, quando tenho um tempinho eu pego um jornal *aí* em baixo, uma revista e fico lendo

44 DOC: Você lembra da escola, alguma coisa da escola?

INF: Lembro. Eu estudava *aí* no Adroaldo, a ... era eu estudava mesmo nunca perdi de ano até a quarta série, *aí* quando cheguei na quinta e *aí*...

Podemos observar que o uso do *aí* com referência a espaço físico ainda é encontrado em uso no português popular de Salvador. No primeiro exemplo, extraído do inquérito 18 o informante é inquerido sobre o hábito de leitura e ele responde apontando para o local que pega as leituras “*eu pego um jornal aí em baixo*” no inquérito 44 também encontramos o item com a mesma função. Ao informante é perguntado se ele lembra da escola é ele responde “*Eu estudava aí no Adroaldo*”. Pereira (2013, p. 76) afirma que: “O uso do *aí* como dêitico locativo é um dos mais antigos. O item *aí*, nesta função, possui significado em relação ao contexto extralinguístico”. Podemos inferir que nesse contexto o *aí* possui uma carga semântica relacionando-se a espaço concreto.

O *aí* como sequenciador temporal é outro uso bem recorrente segundo os estudos de Tavares (1999) e Pereira (2013) a função mais recorrente do *aí* é a de sequenciador. Nos exemplos, abaixo, notamos a presença desse item com a função de encadeado textual. O *aí* sendo usado para encadear os fatos narrados pelos informantes, atribuindo a noção de tempo. Pereira salienta que “uso como sequenciador é comumente o mais recorrente do *aí*. Esse fato se explica, entre outros casos, pois ao conversarmos tendemos a dar continuidade

ao discurso, assim, como o *aí* nessa função serve para ligar oração auxiliando a essa sequência discursiva, tornasse bastante requisitado” (PEREIRA, 2013, P. 84).

18: DOC : Sim, nessa fase.

INF: Vou contar sobre a, uma escritã que tem lá, ainda mora lá em Nazaré, o sobrinho dela meteu um osso no filho dela, eu estava sentado no muro ela disse que foi eu, eu disse que não foi, *aí* ela veio e me deu uma tapa na perna, *aí* eu saí dando murro nela, *aí* quebrou o dente, furou as vistas dela, que ela estava de óculos, *aí* eu fui parar no juizado de menor durante uma semana. (PEPP, INQUERITO 18)

44: DOC: Não era muito de aprontar, mas nunca aprontou nada?

INF: Já, não é?

DOC: O que assim?

INF: Coisas simples, assim da... eh... quando eu morava, no período que eu morava mesmo com essa moça, que ela me criava, *aí* minha irmã pediu para eu ir passear com ela, eu tinha ido para escola, *aí* tinha saltado cedo a escola, não é? Daí minha irmã pediu para eu ficar com ela até acabar, depois me colocava lá de novo na casa da moça, *aí* eu fui, mas eu fui sem pedir a permissão da moça que me criava, que eu chamava ela de minha madrinha daí... (PEPP, INQUERITO 44)

No exemplo do inquérito 18 o informante narra uma traquinagem que aprontou na infância ele o fato conta seguindo uma sequência cronológica os fatos que desencadeou no desfecho. Notamos uma conexão início, meio e fim, e essa conexão é feita usando o *aí*.

No exemplo do inquérito 44 o informante é inquerido se na infância era de aprontar ou não, ele responde narrando um fato e para isso se vale do *aí* para dá uma sequência a sua história. Podemos inferir, que nesses contextos, o *aí* aparece mais de uma vez, para marcar a continuidade das histórias, e geralmente só acontece em sequencias narrativas. O item em análise, nessa função, já está gramaticalizados. Notamos que nesses contextos o *aí* teve uma perca semântica e apresenta uma leve noção de tempo.

De acordo com Heine et al apud Tavares (1999) as pesquisas sobre gramaticalização de conectores apontam para a origem espaço temporal das formas fontes e apresentam a seguinte escala: espaço > tempo > texto. Notamos que isso vem acontecendo com *aí* que está deixando de se referir apenas a espaço físico para a função de sequenciador temporal.

Encontramos, também, nos inqueritos analisados o *aí* com a função de clítico, ou seja, ele funcionando em junção com outros elementos. Nesse contexto, de acordo com Pereira (2013), o *aí* é mais gramaticalizados e possui uma posição fixa na sentença. Há também a perda da iconicidade e ele deixa de ter referentes ou de emendar partes do discurso. O *aí* nesse contexto deixa de fazer referência a um lugar concreto, ou de apresentar uma noção de tempo.

18: DOC : É, mas isso aí também ocorre com Mike Tyson.
INF: **É, isso aí** é né, mas Mike Tyson é, ali é, dá pra, dá pra todo mundo ver né. (PEPP, INQUERITO 18)

44: DOC: O quê?
INF: Que tinha a ... a mãe dela de criação gostava muito de mim eh... o nome dela era vovó Rute. **Aí então** era muito bom mesmo e ela tinha, também uma filha chamada Grazielle, tinha não, tem. E ela também era muito legal, legal comigo.
DOC: Era sua amiga?
INF: Era. (PEPP, INQUERITO 44)

No exemplo do inquerito 18 notamos que o *aí* aparece na função de clítico, sendo usado na frase “ **É, isso aí** é né, mas Mike Tyson é, ali é, dá pra, dá pra todo mundo ver né”, o informante está relembrando sobre as lutas de boxe que diz gostar muito e usa essa expressão fixa *é, isso aí*, como um efeito conclusivo. Tavares (1999), denomina que nesse tipo de construção: *é, isso aí*, o *aí* tem a função de encerramento.

No exemplo do inquerito 44 o informante está falando sobre as viagens que realizava com as pessoas da igreja e revivendo suas memórias usa a expressão *aí então* para concluir seu raciocínio. Assim, como no exemplo do inquerito 18, o *aí* tem posição fixa e teve seu sentido abstratizado.

Considerações finais

Foi possível com o desenvolvimento do estudo analisar os três usos do *aí* e no PEPP e constatar que esse item está passando por um processo de gramaticalização. Que segue um contínuo do *aí* com referência ao mundo concreto ao *aí* com sentido mais abstratizado, sendo usado como sequenciador textual com valor temporal. Ficou evidente também, que esse item apresenta uma multifuncionalidade no português atual. A partir dos dados da língua falada analisados, notamos que o *aí* tem em sua função básica referência a espaço físico e desse uso derivou os demais. O item em estudo apresenta, em muitos contextos, uma perda do valor semântico de lugar, tendo seus usos mais gramaticalizados.

Referências

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

CUNHA, Maria Ângela Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; CEZARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Ângela Furtado da; MARIA, Rios de Oliveira; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-56.

MARTELOTTA, M. A mudança linguística. In: CUNHA, M. Â F. da; OLIVEIRA, M. R. O.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2003.

PEREIRA, Edvaldo dos Santos. *Gramaticalização do item aí no português falado pela comunidade da matinha em Feira de Santana – Bahia*. 2013. Dissertação de mestrado. Departamento de letras e artes programa de pós-graduação em estudos linguísticos-ppgel mestrado em estudos linguísticos-mel

TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de AÍ, DAÍ, ENTÃO e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.